



MONTEIRO, Yara Nakahanda. *Essa dama bate bué*. São Paulo: Todavia, 2021. 200 p.

Antídoto e placebo em Yara Nakahanda Monteiro

Desde que foi criada, em 2016, a editora Todavia tem se esforçado em construir um catálogo respeitável que já apresenta valores inequívocos como as pérolas ensaísticas, *Valsa brasileira*, de Laura Carvalho (2018), *Rastejando até Belém*, de Joan Didion (2021), e estupendas biografias como

Resenha

Luiz Maurício Azevedo da Silva*

ORCID: 0000-0002-6813-1299

E-mail: mauricioazevedomeister@gmail.com

Recebido: 29/12/2022

Aprovado: 31/12/2022

a de Lina Bo Bardi, escrita por Francesco Perrota-Bosch (2021), e a de Jorge Amado, por Joselia Aguiar (2018). No campo da ficção nacional, o destaque comercial é o arrasa-quarteirão *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior (2019). Essas são, sem dúvida, realizações robustas, que justificam, com folga, a existência da editora, mas que contrastam com a tentativa de nossos dias, presente em muitos lugares da cena literária nacional, incluindo a própria Todavia: a de sucumbir às publicações bem menos ambiciosas esteticamente e se tornar apenas mais uma engrenagem na imensa máquina destinada a produzir o espetáculo da inclusão, no mundo literário, daquilo que o mundo social vomitou da realidade concreta.

Em 2021, ao publicar *Essa dama bate bué!*, romance da escritora angolana Yara Monteiro, lançado originalmente em Portugal, em 2018, a editora parece ter encontrado uma ponte que liga a literatura brasileira à literatura produzida em outros países de língua portuguesa. A introdução desse tipo de romance estrangeiro na vida literária nacional acontece em um momento em que nossas relações étnico-raciais revelam a necessidade de enriquecermos nosso imaginário com universos identitários negros diversos dos nossos.

* Luiz Mauricio Azevedo da Silva é doutor em Teoria e História Literária, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e pós-doutorando no departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é, também, professor-convidado do curso de Especialização em Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em 2015, ocupou uma posição de Visiting Researcher na Rutgers University, onde realizou pesquisa sob supervisão de Barbara Foley. É autor de *Toupeira Invisível: marxismo negro e cultura antimarxista em Ralph Ellison*. Em 2019, um de seus livros, *Pequeno Espólio do Mal*, foi indicado ao Prêmio Açorianos, na categoria Narrativa Longa. Em 2020, *Por uma literatura menos ordinária*, volume de crônicas, foi indicado ao prêmio AGES, na categoria Livro do Ano.

Nomes como Yara Monteiro têm nos protegido da armadilha de ter que substituir qualidade estética por legitimidade antropológica. Sua literatura é uma festa lexical: “bué” e “maka...” são exemplos de termos cujo significado amplia nossos domínios sintáticos, estilísticos e semânticos. E trechos como...

Passados alguns meses, a guerra colonial eclodiu. A resistência urbana já tinha conseguido espalhar milícias por todo o país, e começou a barbárie entre os negros e os mestiços: separavam-se cabeças de corpos, abriam-se os ventres das mulheres e mutilavam-se as crianças. Massacravam quem não quisesse aderir à revolta. (MONTEIRO, 2021, p. 12).

...confirmam que se pode fazer literatura de base materialista sem sucumbir ao sociologismo barato ou a concessões a nossas fantasias fetichistas sobre a beleza indolor da revolução dos outros.

O epicentro da obra é a busca de Vitória, que sai pelo mundo à procura da mãe, Chitula, uma ex-combatente da luta armada. A Angola da guerra se encontra com a Angola da reconstrução, em uma investigação de fundo psicanalítico que mistura tradição, ruptura, modernidade e memória. Dedicado à ancestralidade da autora de forma explícita (à trisavó Nakahanda, à bisavó Feliciano, à avó Júlia, à mãe, à tia Wanda), o romance tem duzentas páginas de registro sistemático das delícias e dos riscos da liberdade e expõe, com maestria, a perplexidade humana ao deparar-se com as diferenças entre mapa e território, plano de voo e viagem. Os achados estéticos se sobressaem em uma obra de espetacular beleza e poesia: “A minha primeira memória é uma árvore; a segunda, uma onda. Sem sombra, voo por entre as raízes que sustentam o fundo do mar. Não existo antes daquele momento, nem existo para além dele. São imagens que irrompem nos meus sonhos e atemorizam o meu sono (MONTEIRO, 2021, p. 9)”.

Há evidentes elementos biográficos nessa construção narrativa. A autora também deixou seu país muito cedo, e procura resgatar esteticamente os vestígios de uma raiz que somente exposta consegue comunicar a essência do que somos. As tecnologias da escrita de si em Monteiro se transformam em efetivas armas políticas de autoafirmação e do fomento à emancipação das mulheres negras:

Parte de mim conforta-se nessas sensações. A outra parte inquieta-se com o vazio de ser só isso tudo o que tenho de recordação da minha mãe. A verdade mais íntima é não a poder reclamar como sendo minha. Sei-o. Rosa Chitula, minha mãe, mais do que a mim, amou Angola e por ela combateu. Chamo-me Vitória Queiroz da Fonseca. Sou mulher. Sou negra. (MONTEIRO, 2021, p. 9).

No Brasil, é comum que a literatura seja moeda de troca na operação de *diversity washing*, através da qual grupos e indivíduos com notória trajetória racista nas últimas três décadas podem agora abrir suas janelas antirracistas para que a entrada do *black money* retire suas empresas do vermelho. Essas são operações da ordem do capital, lícitas e, até certo ponto, previsíveis. Do lado de cá, o da crítica, o foco deve ser as operações de ordem artística, que se tornaram, em um mundo controlado pelo capital, inúteis e, eventualmente, desprezíveis. A erosão do pensamento analítico brasileiro no campo das Letras é um dos efeitos de uma guerra simbólica que mirou os observadores, mas atingiu os objetos. O impacto disso na produção literária negra foi a rendição do rigor estético ao regime da adulação aos autores e autoras afrodescendentes. Editoras, escolas, universidades, instituições para o fomento da leitura, revistas literárias, oficinas e outros aparelhos ideológicos da vida cultural viraram palco das encenações de suspensão de juízo de entes que precisam desesperadamente expiar suas culpas sociais. A crítica literária brasileira, que há anos resistia, na agonizante desidratação de seu sentido principal, finalmente terminou. Tantos

anos de compadrio, de tapas no ombro, de avais a livros banais dos herdeiros da Casa Grande, de autores que, na falta de competência, vampirizaram tudo o que tocaram (do liberalismo brasileiro ao marxismo nacional), de fidelidade interminável à branquitude, de autoindulgência e de in-creditável insensibilidade às questões raciais demandaram um cinismo crítico que domina hoje grande parte do debate intelectual. A autoria negra teve negado seu direito ao exame justo de sua produção literária. Sem esse expediente nunca poderá gozar do prestígio que lhe é devido. Sua eventual visibilidade é banhada de fantasia e de poeira retórica, suas conquistas literárias não passam de placebo. Os elogios e as aprovações são feitas somente como encenação, uma emulação combinada previamente entre os donos da cultura, como encenação necessária à construção da verossimilhança de uma trama narrativa que sugere aos autores negros que o que foi feito no campo social pode ser agora desfeito através de prêmios literários, resenhas positivas e um cartão *black infinite*.

Esse mecanismo é oriundo de uma tentativa sociopolítica de se reduzir o risco de que as tensões sociais resultantes da natureza excludente do capitalismo contemporâneo possam provocar reações potencialmente críticas nos indivíduos. A atividade literária tende a se transformar, nesse cenário, em um mero instrumento de equalização das demandas conjunturais e das aspirações individuais, sem qualquer compromisso com um projeto estético que inclua alguma ambição cultural. O comportamento escapista dos operadores dessa produção evidencia uma situação na qual aqueles que fazem literatura enxergam a si próprios – e a sua atividade – como um ansiolítico, cuja função é fornecer reduzir a velocidade de consumação de uma espécie de ordem cultural inevitável, da qual nenhum de nós poderia escapar. Uma razoável explicação desse processo só pode ser encontrada no campo sociológico, porque a Teoria Literária hoje parece excessivamente preocupada em garantir a existência do objeto literário (seja ele qual for, apareça ele na forma em que aparecer), queimando, nesse esforço, tudo o que lhe era devido: rigor, coragem, ousadia e independência intelectual. É como se a existência do ofício literário fosse uma infração comercial que só pode ser tolerada mediante a aceitação prévia da tese de que o processo de mercantilização das coisas de nosso tempo necessita se impôr não apenas através da dinâmica da circulação capitalista, como também no espetáculo ideológico de seu triunfo simbólico.

Mas a *práxis* política e as suas categorias teóricas são reflexas da *práxis* social global. Essas categorias trilham o caminho do desenvolvimento de uma formação econômico-social e somente deixam de ser elementos alienadores para se transformarem em dinamizadores quando refletem a essência dessa *práxis* social, suas relações de trabalho fundamentais; somente depois de esgotar todos os seus elementos dinâmicos uma formação econômico-social se modifica, é substituída por outra. Enquanto ela não se esgota, ou seja, quando a harmonia entre as forças produtivas e as relações de produção presidem o seu desenvolvimento, ela avança no sentido de uma maior complexidade econômica e riqueza social. Mas, quando a harmonia deixa de estar presente e se transforma em contradição, todos os elementos gradualistas que operavam na sua estrutura como mecanismos progressistas do desenvolvimento global deixam de exercer função dinâmica, transformando-se em entraves ao reestabelecimento dessa harmonia em grau superior. Em outras palavras: as reformas passam a funcionar como válvulas de escape capazes de atenuar as tensões sociais permanentes que surgem dessa desarmonia, de acordo com os interesses materiais e sociais da classe dominante e seus desejos e configurações subjetivas. (MOURA, 2021, p. 171).

Não é de espantar que os elementos para a superação desse abismo criativo venham de indivíduos que experimentam hoje a dupla e complexa experiência de serem, ao mesmo tempo, herdeiros da escravização e credores do processo de resistência. E não causa espécie a ninguém

que no Brasil – útero onde o conjunto de diásporas gerou uma ideia vibrante e contraditória de nação – a literatura produzida por autoras africanas sejam capazes de mobilizar forças capazes de superar as velhas amarras do colonialismo (ainda que elas se apresentem, por estratégia, como novas amarras dos mercados contemporâneos) e que seja essa literatura o que existe de mais pulsante em nossa era.¹

Assim, Monteiro traduz para o idioma literário um sentimento antes difuso e quase difícil de ser compreendido pela história brasileira:

Por muito tempo, a noção de relações raciais informais – e, portanto, benignas – do Brasil, teve sua raiz no modelo de exploração dos tempos coloniais e no processo de imigração do século XIX, que criou um patriarcado português ou luso-brasileiro dominado pelos brancos. [...] A morte do pai branco serve como um símbolo pungente da evolução final da consciência negra, e atesta a rejeição de uma história branca desenvolvida, legitimada e recontada ao longo dos tempos pelos homens brancos. (BROOKSHAW, no prelo, p. 274).

Essa dama bate bué é uma rara oportunidade para a superação de nossa limitação nacional em compreender o binômio literatura-sociedade. Nessa obra o caldo histórico não aparece como pano de fundo para a construção da narrativa e sim como centro identitário daquilo que condiciona a vida de todos nós, pretos, brancos ou nem tanto: o passado.²

Referências

- AGUIAR, Joselia. *Jorge Amado: uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2018.
- BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura Brasileira*. Porto Alegre: Figura de Linguagem, [no prelo].
- CARVALHO, Laura. *Valsa brasileira: do boom ao caos econômico*. São Paulo: Todavia, 2018.
- DIDION, Joan. *Rastejando até Belém*. São Paulo: Todavia, 2021.
- FITZGERALD, F. Scott. *The great Gatsby*. New York: Vintage, 2012.
- JÚNIOR, Itamar Vieira. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2019.
- MONTEIRO, Yara. *Essa dama bate bué*. São Paulo: Todavia, 2021.
- MOURA, Clovis. *A sociologia posta em questão*. Porto Alegre: Figura de Linguagem, 2021.
- PERROTA-BOSCH, Francesco. *Lina: uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2021.

1. Apesar das farsas publicitárias que procuram convencer a todos que socializar o acesso à literatura é o mesmo que democratizar o talento literário, a questão estética se impõe e continua a humilhar neófitos bem intencionados, com a evidência ofuscante de que há textos que são meros registros antropológicos e outros que transcendem essa condição e se tornam, de fato, artefatos literários dignos de nota.

2. O Modernismo foi, em certo sentido, uma reação estética à coerção comportamental dos colonialismos todos: “So we beat on, boats against the current, borne back ceaselessly into the past” (FITZGERALD, 2012, p. 172).